

ESPIRITUALIDADE

Espiritualidade deriva do termo latino *spiritualis* que, por sua vez, advém da palavra grega *pneuma* (espírito). Estas expressões não são antônimos de *físico* ou *material*, mas de *carne*, exprimindo uma atitude ou um estilo de vida: uma pessoa espiritual é alguém que vive sob a influência do espírito de Deus (SHELDRAKE, *A brief history of spirituality*, pp. 2-3). Ainda que as várias tradições religiosas possuam uma espiritualidade foi na tradição cristã que o termo eclodiu. Na doutrina paulina ser espiritual é *viver no Espírito*: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl. 2:20). O cristão é assim um outro Cristo – *christianus alter Christus* – alimentado pelo corpo eucarístico. Na Idade Média, a espiritualidade (*spiritualitas*) era sinônimo de *vida clerical*, tendo apenas passado a significar *vida espiritual* no séc. XVII. O conceito só terá presença abundante nos escritos teológicos do final do séc. XIX em diante. Não existe uma definição consensual entre as várias disciplinas que o utilizam, tendo sido fracionado e dependente de uma adjetivação, segundo critérios cronológicos, espaciais ou de denominação (espiritualidade medieval, beneditina, ou francesa). Para A. Vauchez, a “espiritualidade é um conceito moderno” que “exprime a dimensão religiosa da vida interior e implica uma ciência da ascese, que conduz [...] à instauração de relações pessoais com Deus” (*A espiritualidade da Idade Média Ocidental*, p. 11). Cremaschi define-a como “a modalidade através da qual um crente ou um grupo de crentes exprimem a sua fé em determinado tempo” (*Espiritualidade*, pp. 331-332). Noutra proposta, “espiritualidade é a expressão cultural, pessoal ou de grupo, de uma vida espiritual”; precisando-se que “vida espiritual é o que resulta, no homem, da acção santificadora do Espírito Santo”. Neste sentido de transformação, “a vida espiritual joga-se na tensão criadora que provoca a passagem do homem velho ao homem novo [...] Homem espiritual é o homem novo [...] em contraposição ao homem carnal, dominado pelos elementos do mundo” (MELO, *Que é a espiritualidade*, pp. 198-199). A história da espiritualidade prova que a chamada “espiritualidade tradicional” esteve alheada das grandes fontes como a liturgia (ritos e linguagens incompreensíveis), a Palavra revelada (analfabetismo e mediação clerical) e a Igreja (piedade centrada na salvação individual). Observando as raízes medievais da espiritualidade verifica-se que o Cristianismo se apresenta como uma religião sincrética, naturalista e alheada da mensagem evangélica (PABLO MAROTO, *Historia de la espiritualidad cristiana*, pp.

342-344). Após o II Concílio do Vaticano, o termo domina a sua área semântica, substituindo conceitos como teologia ascética ou mística, e alarga também o espectro do seu significado: a espiritualidade é entendida com uma natureza coletiva e sem estar restrita a uma experiência interior, mas integrando a diversidade da experiência humana. A ideia de *retorno* à espiritualidade foi uma constante na história do cristianismo, sobretudo como antídoto contra a corrupção das instituições eclesásticas, constituindo uma forma de *re-espiritualização do religioso*. Um dos exemplos mais relevantes é o movimento franciscano que, resultando de uma espiritualidade desenvolvida no seio da Igreja, defendia uma reforma radical da instituição (GIORDAN, *Spirituality*, pp. 165-167). Nas sociedades de Antigo Regime, os conceitos de religião e de espiritualidade confundiam-se. As instituições eclesásticas regulavam o que era religioso, legitimando as formas de espiritualidade. Neste horizonte de autoridade, o rompimento das sociabilidades do Antigo Regime, marcadas por “um universo devocional mas confraternal” deu lugar a uma experiência mais individualizada, multiplicando-se também as “referências espirituais, particularmente ao nível das suas mediações”. O papel do clero e da sua dimensão “sacramental e organizativa” foi preponderante para a definição de limites da vida espiritual, verificando-se na contemporaneidade um desenvolvimento de uma espiritualidade clerical e missionária. Na espiritualidade de matriz católica “persistiu uma forte influência marcadamente clerical, centrada numa piedade sacrificial e de renúncia, em contraposição à realidade social, com as suas fracturas e materialidade”. A valorização da *ação* é essencial para uma renovação da espiritualidade após o II Concílio do Vaticano, no campo católico romano (FERREIRA, *Espiritualidade*, p. 383). Os processos de secularização promoveram a emergência de um entendimento plural e com diferentes aplicações científicas. Para a Psicologia, a religião e a espiritualidade são entendidas enquanto conceitos que fazem parte do desenvolvimento humano; são fenômenos psicossociais e relacionam-se com fenômenos cognitivos, como a complexidade do pensamento; interligam-se com a problemática da emoção e dos afetos; são relevantes para o estudo da personalidade e constituem um elemento fundamental para a saúde mental. Sendo um constructo multidimensional, a espiritualidade foi encarada na contemporaneidade em três perspetivas distintas: uma espiritualidade orientada para Deus; uma espiritualidade orientada para o mundo, sublinhando a relação do homem com a ecologia e a natureza; uma espiritualidade humanista, orientada para o potencial humano. No Ocidente, a segunda metade do século XX foi marcada pela crescente desilusão em relação às

instituições religiosas. Um dos efeitos imediatos terá sido a aquisição, por parte da espiritualidade, de um conjunto de novos significados, dos quais se infere um afastamento em relação ao conceito de religião. Esta diferenciação cultural acabou por conduzir a espiritualidade para um terreno de conotações positivas, de uma relação pessoal com a transcendência, ao invés da religião, que é vista como negativa dada a sua associação às tradições religiosas. A espiritualidade tornar-se-ia assim uma expressão identitária para um grupo de crentes que pretende uma experiência espiritual direta (através de uma *fé pessoal*), por contraponto a uma experiência religiosa institucional, organizada e tradicional. O surgimento de crentes que se identificam com a expressão *spiritual but not religious* é sintomático desta dissensão. A afirmação de uma espiritualidade individualizada abre espaço para a adoção de uma pluralidade de manifestações do religioso, o que desfaz uma concepção de espiritualidade centrada numa tradição religiosa (HILL et al., *Conceptualizing religion and spirituality*, pp. 51-77). Esta mudança “torna também as experiências espirituais em percursos ou níveis de interiorização da solidão radical da condição humana. Como fuga ou como busca de sentido para esta experiência, surgem formas de sincretismo religioso e de espiritualidade, não só entre correntes cristãs, atravessadas pela dinâmica dos novos movimentos religiosos e das seitas, mas na fronteira das diversas heranças espirituais em tomo de tópicos como a reencarnação, a astrologia, formas diversas de terapia, recolhendo uma enorme diversidade de sapiências orientais ou afro-americanas. Tem-se assim constituído o que alguns sociólogos da religião consideram ser uma *nebulosa esotérico-mística* e que, em larga medida, define as referências do que tem sido designado por *New Age*” (FERREIRA, *Espiritualidade*, p. 387). Como refere Michel de Certeau, “cada cultura tem um excelente *revelador* nos grandes movimentos espirituais que constituem os marcos da sua história”. Isto é: “a elaboração duma espiritualidade no seio dum movimento colectivo implica por sua vez uma reinterpretação das noções mais tradicionais [...] as mesmas palavras, as mesmas ideias ou as mesmas definições já não têm igual alcance nem igual função na linguagem nova”. Certeau questiona-se, pois sobre a epistemologia da espiritualidade, sublinhando que as manifestações exteriores podem ser insuficientes se nos munirmos com as “lentes deformadoras duma sociologia das religiões ou duma história exclusivamente do *sentimento* religioso [...] em cada espiritualidade o essencial não é um outro lado exterior à linguagem do tempo” (*Culturas e espiritualidades*, pp. 8-10). Para Sheldrake, a análise histórica das correntes de espiritualidade deve contemplar em primeiro lugar, a concepção de sagrado e de

santidade presentes nessas tradições; em segundo plano, quem controla e regula a espiritualidade; em terceiro lugar, as opções tomadas no decurso da história; e, por fim, o que aconteceu com os grupos que, de uma forma ou de outra, foram sendo afastados das correntes reconhecidas de espiritualidade (*A brief history of spirituality*, pp. 8-9).

Bibliografia

CERTEAU, Michel de. Culturas e espiritualidades. *Concilium: revista internacional de teologia*. N.º 9 (Nov. 1966), pp. 5-26.

CREMASCHI, Lisa. Espiritualidade. In *Christos: enciclopédia do cristianismo*. Lisboa: Verbo, 2004, pp. 331-332.

FERREIRA, António Matos. Espiritualidade: época contemporânea. In: AZEVEDO, Carlos Moreira de, dir., *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. IV. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, pp. 382-388.

GIORDAN, Giuseppe. Spirituality: from a religious concept to a sociological theory. In *A sociology of spirituality*. Ed. Kieran Flanagan, Peter C. Jupp. Hampshire: Ashgate, 2007, pp. 161-180.

HILL, P. C., K. I. PARGAMENT, R. W. HOOD, M. E. MCCULLOUGH Jr, J. P. SWYERS, D. B. LARSON, B. J. ZINNBAUER. Conceptualizing religion and spirituality: points of commonality, points of departure. *Journal for the theory of social behaviour*, Vol. 30, n. 1 (2000), pp. 51-77.

MELO, Luís Rocha e. Que é a espiritualidade? *Communio: revista internacional católica*, Ano XI, n. 3 (Jun. 1994), pp. 197-203.

PABLO MAROTO, Daniel de. *Historia de la espiritualidad cristiana*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1990.

SHELDRAKE, Philip. *A brief history of spirituality*. Malden: Blackwell, 2007.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da Idade Média Ocidental: séc. VIII-XIII*. Lisboa: Estampa, 1995.